

Dossiê Palhaçarias: Caminhos Poéticos e Cômicos para Subversão

Foto Ensaio “Mary En Virtual Mood:
Palhaçaria Virtual” e Mary En
Metamorphosis: Clowning e
Fotografia” – dois atravessamentos”.

Enne Marx

Doutoranda no Programa de Estudos Artísticos/Estudos Teatrais e Performativos da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal, sob a orientação de Fernando Matos de Oliveira em colaboração com Joice Aglae Brondani (PPGAC/UFBA). Projeto acolhido pelo Centro de Estudos Interdisciplinares/Universidade de Coimbra. Pesquisa com financiamento da Fundação portuguesa para Ciência e Tecnologia (FCT) através da bolsa de doutorado 2021.07341-BD – Enne Marx Beserra.

Uma artista palhaça investigadora tem sempre muitos caminhos a desbravar, um deles indubitavelmente instigante, é o de criar e trazer para a criação a investigação pela prática, a fim de conjecturar elementos colaborativos entre teoria e práxis (Leavy, 2015; Borgdoorf, 2010), colocar o material de estudo no corpo e no sentir, e então descobrir insumo para desenvolver de forma mais potente o que de fato está à procura. Estas experiências são flutuantes e embora se apresentem de forma estrutural, tendo em vista o objeto de pesquisa, continuam se atualizando, constituindo-se em material vivo e mutante. A reflexão deste Foto Ensaio parte das experiências práticas (sempre em construção), dos diários de bordo escritos durante todo o processo criativo - antes, durante e depois do espetáculo virtual “Mary En Virtual Mood” (criado em 2021 em meio ao momento pandêmico como um experimento virtual autobiográfico), de fragmentos da dramaturgia desenvolvida por mim para o experimento, das artistas que me instigaram na pesquisa para o estudo de caso em interface com a Fotografia, e da pesquisa continuada linkada ao escopo do meu doutoramento.

As fotos que aqui se sobressaem advêm da pesquisa de dois estudos de caso do meu projeto de doutoramento intitulado “Metamorfoses do Clown: A Comicidade e o Riso na Transdisciplinaridade”, que propõe uma casuística transdisciplinar, focada em diversas interfaces (Palhaçaria Virtual, Teatro Físico, Fotografia, Vídeo Instalação, Bufonaria e Performance) e que se relacionam com o clowning\palhaçaria na criação contemporânea. Aqui se destaca o estudo da obra “Clowning Around the World and Socialite Selfies – In Pictures” (2016), da artista visual e fotógrafa Cindy Sherman, que me atravessou de maneira substancial, de forma a migrar a pesquisa analítica e conceitual dessa obra (tendo-a como inspiração) para a experimentação no corpo das diversas figuras compostas por mim, com colaborações de alguns artistas (ver ficha técnica), que me levaram a outros “estados” levando a potencializar o meu “Ser Palhaça” e descobrir dissonâncias e emoções diversas. Digamos ser esta, a primeira “metamorfose” do meu processo de investigação pela prática, a qual intitulo de “Mary En Metamorphosis – primeiro atravessamento: Clowning e Fotografia”.



Figura 01

Destaca-se ainda neste Foto Ensaio, a pesquisa desenvolvida inspirada em outra artista, a humorista australiana Celeste Barber, que nos faz rir com as suas fantásticas desconstruções em fotografias dos padrões femininos com relação à sensualidade. Celeste traz na sua obra a aceitação corporal e o empoderamento que isto pode causar à alma feminina. A diferença que se pode observar entre as suas desconstruções e as minhas é a mesma que observo entre as minhas personas e os diversos “clowns” da Cindy Sherman – eu estaria a desenvolver a pesquisa a partir do meu estado de palhaça – a mesma que veste as diversas figuras ou satiriza divas e celebridades – a palhaça com seu pensamento alto acompanhando cada foto com a sua lógica pessoal, onde as fotos que eu trabalhei trazem no texto o complemento para o portal cômico.



Figura 02: Mais importante do que as mãos são as pernas e o bumbum numa foto sensual. O difícil é parar nessa pose mesmo o colchão sendo fofinho...

Da mesma maneira, outro atravessamento se desenvolvia a partir da pesquisa prática de uma nova forma de atuar em Palhaçaria. Com a construção dramática a partir do que estava se passando dentro de mim diante do enfrentamento da pandemia e daquilo que eu observava tomar um espaço enorme nas nossas vidas, as culturas virtuais, chegaram as experimentações, os ensaios, e a seguir as apresentações virtuais. Se por um lado eu estive a atuar em hospi-

tais, palcos diversos e espaços inusitados, nada era comparável a se apresentar ao vivo diante de uma câmera conectada com o público a partir de uma plataforma virtual. Assim, o que estava fora das perspectivas propostas inicialmente no projeto de doutoramento, surge a interface “Palhaçaria virtual” cuja experiência intitulou de “Mary En Virtual Mood – segundo atravessamento.



Figura 03: Dizem que o nariz vermelho é o ícone da palhaçaria, e que por sua vez, é diferente da comicidade. Você é palhaça ou atriz cômica? Você é famosa? Não? Ahhhh você é palhaça! Tem que fazer rir né? Tem também quer ser doce, poética, ter uma voz suave, ser muito, muito alegre!! Falar palavrão é mais pra bufão, né? Cuidado! Aqui não é teatro. Fica gravado!

Começo por escrever o argumento do espetáculo, que trouxe a oportunidade também de pôr em prática a pesquisa com a fotografia, igualmente arredondada em letras e pensamentos meus, estes que percorreram os meus dias que antecederam as apresentações em si e que são por assim dizer, um dos elementos significativos do meu processo criativo. O desafio de criar um espetáculo solo e de forma virtual acabou por ser duplo. Entretanto, os desafios nos fazem ir mais longe e nos surpreender. Com este trabalho regado à investigação, eu me deparei com poderes e habilidades que me fizeram migrar para

outros ambientes, o áudio visual e a fotografia foram preponderantes neste processo de migração. Apresento com esta partilha o “metamorfosear” de Mary En, a palhaça que eu sou, a outra de mim, a minha sombra alegre, a forma que eu escolhi para me expressar artisticamente no mundo.



Figura 04

Da mesma maneira, é importante escrever aqui inserções do texto dramático, este que me acompanhou durante o sono e ao acordar, ao andar na rua, ao observar tudo que estava se passando dentro de mim, até se transformar em texto e vir ressoar nos áudios gravados, ao se transmutar no “meu pensamento alto”, assim transmitido nas lives, ecoando nas telas de todos aqueles que estavam assistindo.



Figura 05: A partir de amanhã estarão abertos apenas os serviços essenciais. Supermercados, farmácias e postos de gasolina. Lockdown, down, down, down, Em Março de 2020 em Portugal, as pessoas mudavam de calçada para não passar perto umas das outras. Como aquilo era estranho! Eu, para ir ao supermercado ia com casaco com capuz, boné, óculos de sol, fones de ouvido, calças compridas, luvas e a máscara! Em casa, todos estes itens ficavam na porta de tanto medo que eu tinha de o vírus entrar, desgraçado!

Versada no meu próprio drama, todas as falas da dramaturgia são autobiográficas e falam do que estava fazendo bater meu coração forte. Como jogar sem a plateia presente, aquela que constrói o tempo ritmo junto comigo, que com o seu riso me guia a seguir ou a recuar? este foi um dos pontos de partida. Com isto, todas as inquietações que se apresentaram diante de mim foram acolhidas: a pandemia, o mundo virtual e suas culturas, a música, e a solidão,

que estava presente todo o tempo, sutilmente, mas de maneira sublime, o que dá muitas vezes o tom agridoce contido no meu trabalho. Com toda a poesia que a palhaçaria merece, apresento em “Mary En Virtual Mood” durante 1 hora e meia o meu universo, o meu “céu de afetos” cheio de contradições. Uma palhaça bufona que bebe, que fuma e que fala palavrões, pois são estes, entes sinceros pertencentes à minha sombra, que me libertam e que me fazem ser quem eu sou.



Figura 06: Ao mesmo tempo em que todo mundo correu para produzir vídeos e lives, vídeos e lives, lives e vídeos, vídeos e lives, eu percebia que os seres humanos são essenciais!

Estas características são elementos do meu status, assim como tenho por perto objetos cênicos transicionais do meu repertório que aparecem em cena como “num passe de mágica” já que a linguagem áudio visual propicia este feito. O espetáculo, sustentado pela pesquisa e pela prática artísticas, evidencia a minha auto poética e tem como característica o hibridismo entre linguagens, onde a intersecção entre palhaçaria, teatro, música, áudio visual e fotografia colocam a obra dentro do “clowning contemporâneo”.



Figura 07: Em menos de 1 ano eu vi as fotos e os vídeos se multiplicarem na internet. Dançando, comendo, bebendo um vinho, trocando de roupa, se maquiando, passeando com o cachorro, na academia, no banheiro, na cozinha, lendo, fazendo compra, na piscina, na praia, no hospital mostrando a veia furada...

Não há muito que fazer quando o momento pede para resistir/existir e se desafiar a abraçar o novo, mesmo que o desejo seja o palco e o público real. “Mary En Virtual Mood” foi chamado durante toda a divulgação de “experimento”, pois foi assim que me vi, experimentando um “admirável mundo novo”, ainda mais por se tratar de uma pesquisa dentro de um projeto de doutorado. Muitas dúvidas se reportavam a mim, sobretudo de como seria o jogo, sem aquela parte importante, o “ente” plateia que alimenta com o riso a construção cênica, o

feedback necessário do “aqui e do agora”. Eu não teria a percepção multissensorial proporcionada pela questão expectatorial do teatro. Era um novo espaço que se abria e, portanto, um novo receptor. A relação era sustentada por mim e pela maneira que eu me relacionava com a câmera. O meu estado de presença teria que ser gigante para ultrapassar a tela e afetar o público. Foi preciso reinventar-se!



Figura 08

O argumento da peça perpassa temas relacionados à atualidade, que, embora advindos do meu âmago, flui em um espaço de um fundo coletivo comum, a dramaturgia atual de todos nós: a solidão e o mundo virtual, trazendo à tona certos enfrentamentos quando se é obrigado a estar só, tendo como única companhia um celular ou um computador, e mais recentemente um “Ring Light”, que foi neste trabalho mais que uma luz que ilumina, foi um personagem, vivo, latente, que jogou e me afetou durante todo o prólogo e esteve presente também nos teasers de divulgação, como a minha “dupla” ou um amigo em tempos estranhos. A peça questiona o próprio fazer teatral e o jogo - A casa virou uma sala virtual, transformada em sala de espetáculo e a vida virou uma “live”, a palavra mais pronunciada nesta época pandêmica.



Figura 09

O meu pensamento durante toda a peça vai ao encontro das sensações que a virtualidade nos impõe – sermos digitais, multiplicarmos “figuras” de nós mesmos para não desaparecermos. O digital, embora tenha nos salvado em muitas situações durante a pandemia, joga sobre os nossos ombros a obrigatoriedade de saber lidar com as “Culturas” da Celebridade e do Cancelamento, que tomaram imensa força nos últimos tempos e que põem em xeque os próprios valores humanos. Hoje é difícil se posicionar sobre qualquer assunto. O mundo virtual embora seja facilitador, muitas vezes é opressor. Contudo, as figuras que criamos ou as diversas personas que somos, algumas que só existem no mundo virtual, de certa forma nos protegem.



Figura 10



Figura 11

Para esta criação, Mary En aproveita algumas pesquisas da sua cara metade - Enne, eu, esta que vos escreve, melhor dizendo nós, duas transformadas em tantas. Uma dessas pesquisas iniciada em 2010 com a Banda de palhaças “As Levianas”, é cantar músicas que de certa maneira dialogam com um passado de verdade, oportunidade para gerar relações, mesmo que “entre telas”. A outra é a inspiração da obra de Cindy Sherman a partir da pesquisa iniciada em 2020, que me motivou a “metamorfosar-me” e criar as diversas figuras clownescas em autorretratos - que embora não se enquadrem exatamente nesta categoria, liga o conceito ao ato de pensar, pesquisar, construir e produzir cada figura - investigação que se encontra em continuidade. Há muito que desbravar, este atravessamento é infinito! Mais tarde, já em 2022 veio a pesquisa prática sobre as desconstruções fotográficas da “sensualidade” imposta desde sempre às mulheres, à perfeição e aceitação a partir desse estigma.



Figura 12

Experimentar também é terreno para questionar o próprio metier e durante os quatro episódios ao vivo de “Mary Em Virtual Mood”, fui percebendo que a potência do teatro estava toda lá, as mesmas sensações de frio na barriga, as tensões necessárias, os movimentos, as intensidades, os odores, os erros técnicos que geravam os improvisos e assim, os caminhos desenvolvidos pela arte da palhaçaria não se perderam, mas ao contrário, ganharam outros contornos e nuances. Além do frescor proporcionado pelos improvisos, outro recurso para que fosse sempre novo para quem viesse assistir novamente, fora apresentar mudanças no repertório musical entre o prólogo e a música final, gerando sempre novas cenas, assim como utilizar mais de uma câmera e transmitir as imagens de dois ângulos ao mesmo tempo, dando movimento à cena. Olhar o chat me ajudava a me conectar ainda mais com o público que estava em casa. A cada episódio eu me sentia mais confortável com esta nova maneira de jogar. A câmera era o olho do público, a risada interna e o fato de eu me divertir me trazia a confiança de que o riso muitas vezes seria inevitável. A presença então, existia, indubitavelmente em outro lugar.



Figura 13

Os vídeos gravados e veiculados durante a peça ao vivo trazem uma atmosfera interessante, uma quebra necessária tanto para mim (que aproveitava o tempo para as trocas de roupa) quanto para o público em casa. Da mesma forma, as músicas cantadas trazem a emoção que se transportam para as casas através da tela e funcionam principalmente como um elemento de resgate de um outro tempo, um outro lugar, uma outra respiração, talvez um pulo para uma alegria outrora vivida, tempos que não voltam, mas que podem ser lembrados.



Figura 14: Em 2017 o movimento “me too” tinha como finalidade abalar as estruturas de poder. Até aí, ótimo! Mas à proporção que tomou a tal cultura do cancelamento muitas vezes é distorcida e cancelamos o contraditório, a ambiguidade e a dialética. Mas... Será que “cancelar”, apertar um simples botão, tirar aquela pessoa da sua tela e da sua vida, resolve?

Paralelamente à criação das cenas e a busca das soluções cômicas para as partes musicais, corria a pesquisa das figuras para as fotografias e a leitura sobre a obra da Cindy Sherman, além de pesquisa visual de palhaços e palhaças diversos, sobretudo os mais antigos, mas também inspirações bastante inusitadas como o palhaço Pennywise do filme “IT: A Coisa” (1990) que inspirou o figurino e a maquiagem do “Pierrot” e o “Joker” (2019) que inspirou a maquiagem da figura “Socialite”. Assim, os figurinos, os adereços, o estudo de ma-

quiagem e cabelo e cada figura que eu pensava e materializava, me dava mais consciência do quanto rica é a transdisciplinaridade nas artes, e o desejo de concretizá-las ultrapassou a experiência de transformá-las em fotos. O estúdio me trouxe a oportunidade de gerar sensações, olhares, e outros corpos.



Figura 15: Ser virtual é estar no sistema. É ter um smartphone. Ser smart! Ter à sua mão um minicomputador. Às vezes eu fico sufocada com o mundo virtual. “Deus me live!” É tanto vídeo, tanta tecnologia, tanta virtualidade, tanto digital, que eu já nem sei o que é de verdade. Ninguém pensa, ninguém respira, ninguém conversa, ninguém se olha, ninguém se toca.

A pesquisa vai além da fotografia. Buscar essas personas e trazê-las para o corpo, para a pele, vestindo-as de vida, traz uma gama de possibilidades, traz inclusive sentimentos ocultos. Pesquisar o gesto, a mimesis, não no sentido de cópia, mas no sentido Aristotélico, de descobrir nuances entrelaçados na minha natureza que podiam aparecer através dessas figuras encontradas, ao mesmo tempo que eu observava cada figura apresentada por Cindy Sherman

e a força de cada caracterização e expressão, abria um amplo território, e apenas com a pesquisa posta em ação, perguntas e respostas apareciam.



Figura 16: Hoje, é o instagran que temos que alimentar à noite. Ser podcaster ou influencer digital então? É o máximo! Ser célebre não é mais fazer um grande personagem no cinema. É angariar milhões de seguidores, soldadinhos de chumbo que compram a sua ideia.

Nesse processo o olhar dá um salto e alcança outras esferas. São outras Mary Ens que aparecem. Os entes exteriores como chapéu, figurino, maquiagem, perucas, são deveras importantes para reforçar esta interface que acontecia com

a investigação pela prática: o Clowning e a Fotografia. Eram “entre lugares” que se formavam entre Enne, a investigadora, e entre Mary En, a palhaça e as outras figuras que se corporificavam e me transmutavam nas fotos. A experiência me mostrou que é bem mais profundo o movimento de metamorfose. Como transcender a foto?



Figura 17: Eu pedi uma coisa alegre, mas não tão alegre. Procura um equilíbrio na vida. Nem alegre, nem triste!

Nos ensaios algumas dessas figuras se fizeram quase necessárias, eram como se as cenas fossem criadas para estas Mary Ens metamorfoseadas, e vieram

para os episódios o Pierrot, a Rainha e a Pin up – cada uma com a sua loucura, com o seu universo nonsense junto com tudo que eu carrego no meu domínio. Esse cruzamento saltava, como camadas relacionais, estabelecendo a intersecção entre as linguagens para além do inicialmente pensado. Assim, a construção poética do prólogo com o Pierrot, a tragicidade empregada pela Rainha ou a fragilidade e a falência apresentada pela Pin up trouxeram para o “palco” facetas dessa metamorfose proporcionada pelo contato com a obra de Sherman e a Fotografia.



Figura 18: Hum, só quero saber se quando essa brincadeira de lives acabar, o povo vai voltar ao teatro... assim é muito fácil. Eu posso ver e sair no meio da peça. Posso criticar em voz alta e tudo e ainda dá um “deslike”. E o melhor, de graça! Em casa, estamos protegidos, afinal!

Encontramos ainda uma forma de apresentar estas figuras através do vídeo final da peça, como um “elemento surpresa”, contemplando oito delas: a Pin up, a Rainha, o Pierrot, a Viúva, a Diaba, o Palhaço, a Socialite e a Mulher Barbada – figuras arquetípicas, mas que ganham contornos singulares. Traçando um paralelo com “Clowning Around the World and Socialite Selfies – In Pictures”, onde vemos as transformações de Sherman em diversos palhaços, palhaças e socialites – onde a artista questiona a natureza e a representação da mulher em autorretratos conceituais, observamos o grotesco e o sutil a caminhar na obra de mãos dadas, através das imagens “Femininamente distorcidas”. Sherman apresenta performances impressionantes em cada fotografia, onde quase podemos não a reconhecer.



Figura 19

Já “Mary En Metamorphosis” intercruza o estado da palhaça com estas outras figuras clownescas, e ao trazê-las à tona nos vídeos e na peça, provoca a Interseccionalidade entre linguagens: a performance, o áudio visual e a fotografia, como também provoca mudanças sensoriais e corporais na própria palhaça, colocando em xeque a sua dimensão particular ontológica. Que Ser é este?



Figura 20

Assim, procurei externalizar essas figuras para além da aparência e da foto, fazendo surgir seus pensamentos, sua forma de se expressar, de falar, de agir e deixei-me afetar por cada uma delas e pelos corpos que mobilizavam múltiplos sentidos. Já não era a mesma Mary En, experimentava então a vivência do “corpo mutante” (Castro 2021). O meu Ser Palhaça estava passando para o patamar de experimentação performática, quebrando paradigmas defendidos outrora por mim mesma quanto às formas de me apresentar. Com esta pesquisa, o meu trabalho tornou híbrido o meu próprio corpo, pois se antes eu já flutuava entre palhaçaria, teatro e música, agora Mary En passeava por múltiplos corpos e maneiras de ser dentro dessas linguagens e dos novos modos de produção.



Figura 21: Enquanto isso, virtualmente vemos o famoso mostrando a mansão, o não famoso querendo virar famoso, não se pode falar isso, não se pode falar aquilo, não faça isso, não faça aquilo, não seja isso, não seja aquilo, palhaçaria é isso, palhaçaria é aquilo, cancela aquele, cancela aquela!... Tem até linchamento virtual!!!! Mas, se não existe réplica, não há conversa, não há escuta. Isso não seria... raso?

Estas mutações ou metamorfoses se deram também em termos estéticos. Com a experimentação de novos cabelos e maquiagens, Mary En perde um tanto do seu semblante jovial e ganha aparência mais madura, o que de certa forma é natural, visto que nós palhaças e palhaços muitas vezes somos seres que performamos a nossa própria vida e os encaminhamentos por ela vividos.

Porém, mesmo que algumas figuras tenham pulado da fotografia para a cena e tenham trazido as suas características visuais para Mary En, se “misturaram” com ela, mas não tomaram forma de personagens. A essência ou a centelha de vida de Mary En estava, portanto, resguardada e a sua performance original permanecia ali, embora estivesse a ganhar novos contornos. Como afirma Josette Féral: “O processo performativo age diretamente no coração e no corpo da identidade do seu performer, questionando, destruindo, reconstruindo seu eu, sua subjetividade sem passagem obrigatória por um personagem” (Féral apud Mostaço, 2009:83).



Figura 22: Me fazia falta uma conversa real, um abraço real, um mundo real. Respirar, respirar, respirar. Eu decidi escutar o que a pandemia queria me dizer. E tudo que eu escutava, era amor.

Entretanto, estas novas nuances levaram-me a outros gestos e a amplificar a minha forma de falar, tornando-a mais potente em sua singularidade. Por existir uma identidade bem estabelecida, os padrões de comportamento já encontrados no meu repertório se fizeram presentes com toda a sua força na minha performance solo, ganhando em ampliação e reiterando a importância da repetição no trabalho da palhaçaria. Segundo a pesquisadora e palhaça Lili Castro, 2009, 105: “Diferentemente do palhaço teatral, que surge e desaparece a cada montagem, a tendência capital do palhaço é a repetição. O grande palhaço tem uma carreira longa, envelhece e evolui juntamente com o seu intérprete”.



Figura 23

Da mesma forma, lançar mão dos “comportamentos restaurados” (Schechner, 2013:34) trazendo-os à tona de forma mais desenhada, leva o público a criar expectativa quanto à próxima ação e isto gera empatia. Por certas vezes leva-o até a sugerir coisas, para ver este comportamento crescer. Sugestões de o que beber, o que fumar, o que cantar, e até pedir para que Mary En repita um palavrão, denota a identificação do público com estes comportamentos, que como diz Schechner, não foram inventados pelo interlocutor, pois fazem parte do universo coletivo, mas de alguma maneira estas ações e gestuais fazem parte de mim, e apenas por isto se ajustam, se mostram, funcionam, são ver-

dadeiros, “se dão em espetáculo” (Féral apud Mostaço, 2009: 63) e estão ali prontos para serem acionados por Mary En, pois ela desenvolveu, aprendeu a fazer. A partir do pensamento de Schechner sobre o “comportamento restaurado”, Féral diz que “a performatividade requer uma apropriação pelo sujeito: o eu se desdobra, se apropria e aprende os códigos, transforma-os, joga com as repetições, joga-os com alargamento de sentidos” (*Ibidem*, 2009: 79).



Figura 24: Também tivemos acesso diário ao estilo de vida dos famosos. Vimos suas casas, seus closets, seus jardins, seus pijamas etc. Mas para a maioria das pessoas, o grande barato agora é filmar e mostrar os seus próprios cotidianos, se vê na selfie. Somos todos celebridades! Filtros fabricados pela tecnologia. Com filtro ou sem filtro, a realidade virtual veio para ficar.

Assim, a experiência desses dois primeiros atravessamentos da minha investigação pela prática sobrepujou este corpo “estado” de Mary En e do próprio jogo. As premissas da diversão, do riso, do lúdico, do questionamento, da poeticidade estavam presentes, mas com mudanças narrativas. Se estes elementos já eram subvertidos em meu trabalho, através das fotografias, dos vídeos e do experimento virtual ao vivo eles puderam respirar melhor e com mais liberdade. A palhaça se mostrava ainda mais bufona, distorcida, borrada.



Figura 25

Em cada uma das figuras fotografadas eu vejo parte dessa bufona, em algumas fotos há ironia, em outras sarcasmo, ou um sorriso de canto de boca denotando um certo perigo. Assim como em vários momentos da cena aparece uma maneira própria, farsesca de ser, ou um comportamento bipolar, que se apresenta belo e estranho ao mesmo tempo. Porém, há uma beleza estética, presente também em Mary En, o que eu chamo de um ser “bufona social” – e que me trouxe atra-

vés desta pesquisa várias indagações novas. Posso sentir novos embriões nascendo em mim, mas ainda não percebo de onde eles nascem, possivelmente são desdobramentos de uma palhaça bufona, ou “fora dos padrões”.



Figura 26: Eu já tinha whatsapp, facebook, instagan, mas nem de longe ou se me pagassem em ouro eu abriria uma conta no tweeter. Vai que me cancelam por eu ser... Palhaça? Não, isso não. Talvez me cancelassem por eu me posicionar, expor minha opinião contrária, meu pensamento pulsante e verdadeiro.

Segundo Joice Aglae, 2020, 77: “(...) o bufão é um ser em transformação, ou melhor, em metamorfose, o qual poderia desdobrar-se em tantos outros personagens e Máscaras da história do teatro ou multiplicar-se incontavelmente (...)”. De fato, sinto-me um ser em metamorfose e me travestir dessas figuras levando-as para o objeto fotográfico e para a cena apertou um gatilho que abriu

outras conexões com a investigação. A Comicidade de Mary En passa também por alguma metamorfose? Bem como o Riso não ouvido, mas provocado e sentido por mim durante a performance virtual, se metamorfoseou?



Figura 27

Igualmente outras perguntas aparecem através dessa experiência. De certa maneira eu já venho questionando os modelos de palhaçaria impostos por algumas pedagogias e formações na área, sobretudo as generalizações e for-

mas sem fundo, às vezes advindas de meras imitações e cópias. Muitos palhaços e palhaças entendem o nariz como um passaporte da alegria e o confundem com a obrigatoriedade de fazer piadas risíveis. Mas entendo que a palhaçaria vai muito além do nariz vermelho ou de um riso fácil. Com este processo incluo o questionamento sobre o “Ser palhaço(a)” e o lugar do Riso, além de questionar sobre a presença do público no jogo da palhaçaria. Todo palhaço e palhaça precisa ser alegre? Se dizíamos que a palhaçaria não existe na quarta parede, como ela se dá através da tela? – aqui não coloco a linguagem cinematográfica, mas o teatro online, mais precisamente a palhaçaria virtual. Estará a própria linguagem da palhaçaria a passar por uma metamorfose? Entretanto, o caminho da pesquisa ainda é longo e eu tenho mais perguntas que certezas.



Figura 28: Ahhh, eu detesto quem detesta. I hate haters.



Figura 29

A pesquisa e a inquietação de uma artista investigadora geram uma carga infinita de experimentações, afinal só se ganha com a experiência. Nesta interface com a fotografia aparece para mim no final de 2021 a Celeste Barber com questionamentos similares – como potencializar o seu eu verdadeiro e ainda fazer as pessoas rirem. Lendo a sua entrevista na Vogue Portugal (2019), me identifiquei quase que completamente com as suas indagações acerca da feminilidade exigida pelos padrões sociais, questões estas que acompanham muitas mulheres que fazem palhaçaria e que por terem liberdade em serem exatamente quem são, trazem este fundo dramático para os seus trabalhos. O meu propósito nesta intersecção é ampliar e potencializar o clowning junto à fotografia. Assim, no final de 2021, iniciei a pesquisa a priori observando algumas das desconstruções de Barber e em seguida buscando através da minha própria imaginação, o que faria sentido para a minha pesquisa.



Figura 30: A Madonna que me desculpe, mas eu prefiro morder ossinho de borracha a machucar meus dentes. Porém acho que confundi a pose de cachorro com a de sapo. Enfim, a Madonna vai me perdoar por eu não perceber que morder e segurar a barra da cama me deixaria mais sensual, ao invés de me esparramar no colchão, afinal fiz 2 fotos modelando as poses dela.

Importante observar que para as minhas releituras, o sentido do cômico da foto (assim como para Barber), tem sido um ponto fundamental de comunicação. Como desconstruir determinada foto feita de uma celebridade e colocar ali o meu sentido crítico, porém leve, sensual, mas nem tanto? também como comungar uma ideia para a foto sem que esta fugisse ao olhar do fotógrafo, que sim, poderia me levar a outros lugares? Igualmente como gerar comicidade a partir de um tema tão delicado, a mulher e a sua sensualidade, sem levá-las a pensar que sou contra a beleza que há em sua maquiagem, em seu modo de usar os cabelos, ou em suas roupas para cada ocasião, já que eu própria me faço valer às vezes por esses subterfúgios?

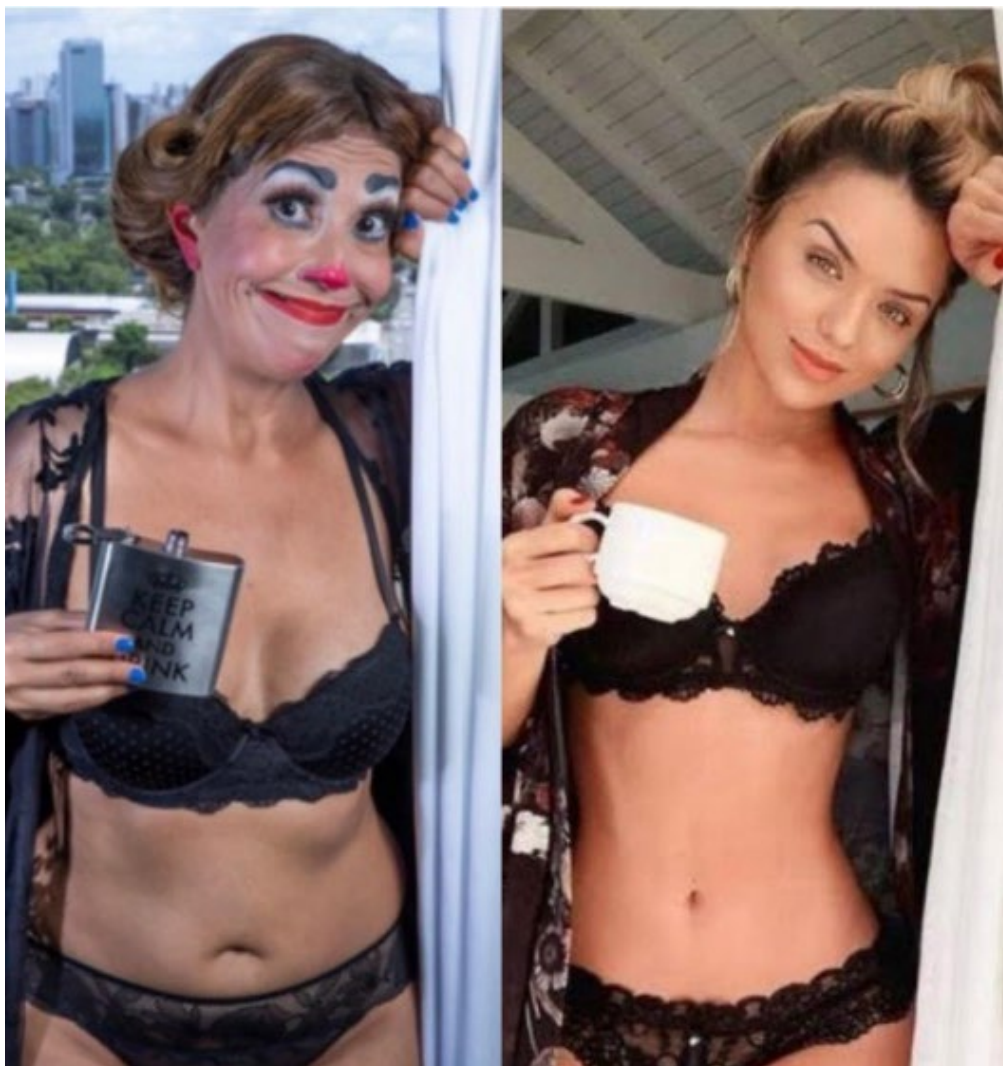


Figura 31: Bom dia! Essa vida de modelo me cansa, ainda mais quando me pedem para ser óbvia. Obs.: Também não consigo e nem quero “secar a barriga”.

Seguindo algumas etapas como buscar fotografias que me instigassem a trabalhar no corpo, busca dos figurinos, locações etc., e após a realização das fotos, passei a criar os textos tendo como premissa sempre a minha lógica de palhaça. Ao mesmo tempo que sei que a foto pode gerar inúmeras interpretações ao olho de quem vê, senti a necessidade em escrever algo que sublinhasse o que estava sentindo no momento da foto, e ao tempo que ia organizando e publicando as fotos nas redes sociais, ia colhendo os feedbacks e as impressões do público, gerando dados para a pesquisa enquanto seus efeitos com relação à comicidade. O que fora espetacular, pois estas respostas - que aconteciam em tempo real e virtualmente, passaram a ser ferramentas práticas para o estudo.

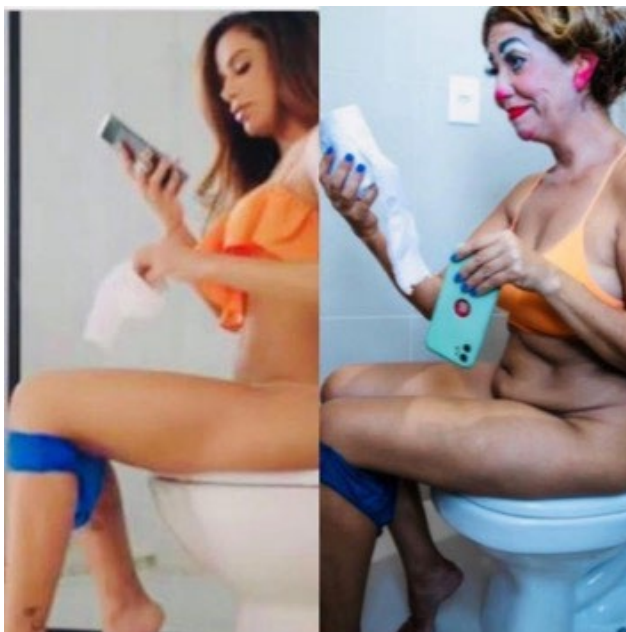


Figura 32: Devemos ser sensuais até no momento mais íntimo do nosso ser, a hora de fazer cocô. Eu aproveito pra verificar se o papel é suficientemente macio, e às vezes há até uns papéis com desenhos divertidos. Aproveito também pra deixar a barriga beeeem relaxada. Para completar, o reflexo da janela faz minhas pernas ganharem manchas criativas. Eu sei, o celular ajuda a relaxar e pra aqueles que tem dificuldade em defecar ele tem sido uma boa companhia, mas como disse Manoel de Barros “Melhor jeito que eu achei para me conhecer, foi fazendo o contrário”.

A percepção da Celeste Barber de como a indústria trata as mulheres como objetos e não como pessoas foi o mote inicial para o seu trabalho de imitar as celebridades, mas de um jeito peculiar, desarrumada e “normal”, o que eu chamo de desconstrução. Fazer o que quer, e como quer é também uma característica forte na Palhaçaria Feminina, que tem no seu conceito (já difundido

inclusive em diversos trabalhos acadêmicos) a percepção de que a mulher é dona de si, do seu corpo e do seu modo de ser. Através do seu espetáculo “Challenge Accepted: 253 Steps to Becoming an Anti-it Girl” (que posteriormente virou livro), Celeste está quase a inventar um novo conceito ou apenas a reforçar que o velho conceito de “mulher perfeita” caiu por terra. Comparando com o meu trabalho de palhaça, onde desde sempre apareceu forte o universo da bebida, do palavrão, do humor cítrico, surgiu principalmente a partir de 2020 a denominação dada a mim por outras colegas, de “bufona”, sendo que a bufonaria sempre existiu em mim, apenas foi exacerbada através da partilha das minhas pesquisas práticas. Bem como, curiosamente fui chamada de “anti-palhaça” no sentido de fazer o que não se espera, mas que em minha opinião só funciona porque não é inventado, mas próprio, assim como Barber se mostra inteira em sua maneira de mostrar a Celeste. Ser de verdade é o cerne desse trabalho, são Mary Ens, Celestes e Cíndies destorcidas, porém, inteiras.



Figura 33: Fazer foto sensual numa marquise? E se eu cair lá embaixo? As celebridades são colocadas em cada cilada, não é? A carinha de quem está tranquila e mega sensual da Marquezine fazendo uma sessão numa marquise não convence Mary En de que isso seja possível, e ela faz cara de medo sim. Será que porque ela é Marquezine? Deveria ser Marquisine... eu, heim!



Figura 34: Será que a Nanda Costa tinha esquecido a preparação no forno e daí teve que correr pra tirar o prato antes que queimasse? Eu por minha vez não consigo tocar em panela quente, sentir o bafo quente do forno, ser fotografada nua e ainda garantir a carinha sensual.

Através dos comentários do público nas minhas postagens pude observar alguns pontos importantes concernentes a linguagem da palhaçaria que inevitavelmente penetram as fotos: além do riso que as fotos causam nas pessoas, o olhar foi preponderante. O comentário de Roberto Ribeiro no post do Facebook “Tuas modelos têm em geral um olhar blasé e o teu olhar é vivo e ficado na câmara” (Facebook Enne Marx, 25 de abril de 2022) chama a atenção para este olhar diferenciado, que olha a câmara como olha o público. Não interessa seduzi-lo, mas se mostrar verdadeiro e se a sedução acontecer será por conectá-lo à sua própria fragilidade.



Figura 35: Me disseram para puxar o cabelo que é muito sensual, mas esqueceram de avisar pra ir devagar. Eu, que já não tinha patrocínio, agora é que não vou ter mesmo!

A performance de uma palhaça na fotografia é repleta de emoção, que ultrapassam o padrão da performance fotográfica que deve evidenciar este ou aquele sentimento para vender o produto. Para além do humor e do olhar subversivo, o que descobri através desta experiência é que a minha identidade clownesca está preservada ao ponto de flutuar entre uma celebridade a outra sem subjugar-se a padrões. A lógica pessoal de pensamento e ação, os comportamentos restaurados e a forma de ver o mundo acompanham cada uma das fotos. Também foi preciso organizar de uma maneira conceitual as imagens fotográficas, pois, por mais que o meu trabalho como palhaça tenha passado por processos ligados à comunicação visual, o universo imagético da fotografia é um caminho completamente novo no meu percurso. Entendo que no caso de uma pesquisa pela prática as fotografias são insumos para aferir

possibilidades de hibridismo entre essas duas linguagens, tentar descobrir que pontos de intersecção existem, que diferenças são mais evidenciadas, que aspectos da comicidade e do risível se passam em minha própria práxis e que aspectos estéticos são afetados.



Figura 36: Eu sempre achei que quem gostava de andar de carro com o corpo pra fora fossem os cães. Mas vendo a Beyoncé eu experimentei e até gostei. Na verdade, o carro está parado mesmo (o meu e o dela) e não tem vento nenhum batendo no cabelo, como bate nas orelhinhas dos cães, mas assim é que fica sensual. Não consegui um Rolls Royce Boat Tail (o carro mais caro do mundo) e o meu ainda está com um detalhe, que eu prefiro nem falar!

Aspectos imagéticos do cotidiano das estrelas se tornam então, elementos criativos para a performance fotográfica clownesca. Aqui salvaguarda-se o ingrediente espetacular para designar o trabalho performático, a palhaça enquanto o ente a ser fotografado. Embora no momento da captura da foto existisse também enquanto olhar de fora, o fotógrafo, mas, contrariando a

questão da “presença física” entre o performer e o receptor (o público), percebo que o clowning e a fotografia seguem os preceitos definidos por Glusberg (1987:89) quando diz “A performance não nos apresenta estereótipos preconcebidos e sim criações espontâneas e verdadeiras”. O que me faz ainda perceber esta pesquisa enquanto objeto performático é a flexibilidade dessa expressão artística, como acentua Roselle Goldberg em “A Arte da Performance: do Futurismo ao presente” (2006: 09):

(...) Por sua própria natureza, a performance desafia uma definição fácil ou precisa, indo além da simples afirmação de que se trata de uma arte feita ao vivo pelos artistas. Qualquer definição mais exata negaria de imediato a própria possibilidade da performance, pois seus praticantes usam livremente quaisquer disciplinas e quaisquer meios como material – literatura, poesia, teatro, música, dança, arquitetura e pintura, assim como vídeo, cinema, slides e narrações, empregando-os nas mais diversas combinações. De fato, nenhuma outra forma de expressão artística tem um programa tão ilimitado, uma vez que cada performer cria sua própria definição ao longo de seu processo e modo de execução.



Figura 37: Eu sinto muito, mas vestir uma camisola e ficar horas fazendo caras e bocas de quem vai para uma festa e não para a cama dormir, não rola pra mim. Fora que essas cores azul e rosa me dão sono, muiiito sono.



Figura 38: Ficar horas no tapete vermelho a posar para as câmeras é deveras cansativo, pior ainda quando tens de ter um sorriso na cara, a mão na cintura e a perninha dobrada, mesmo que o foco seja na verdade, as marcas na parede. Mas há que se aproveitar alguma coisa, afinal nem toda marca é branco e preto...

Lista de figuras

Pierrot (1, 10, 11 e 23); Palhaço (3, 13 e 21); Rainha (4, 14, 25 e 29); Viúva (5, 17, 22 e 28); Socialite (6, 18, 24 e 27); Mulher Barbada (7, 12 e 19); Diaba (8, 15 e 20); Pin up (9, 16 e 26); Mary En (2, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39).

Referências bibliográficas

BRONDANI, Joice Aglae. *Máscaras e Imaginários: bufão, commedia dell'arte e práticas espetaculares populares brasileiras*. 1ª. ed. – Curitiba: Appris, 2020.

CASTRO, Lili. *Palhaços: multiplicidade, performance e hibridismo*. 1ª.ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

GOLDBERG, Roselee. *A arte da performance: do Futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

MOSTAÇO, Edélcio. OROFINO, Isabel. BAUMGÄRTEL, Stephan. COLLAÇO, Vera. (org.). *Sobre performatividade*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2009.

SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: An Introduction*. New York: Routledge, 2013.

Veja Cindy Sherman

<https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2016/may/30/cindy-sherman-clowning-around-and-socialite-selfies-in-pictures>

Veja Cibele Barber

[Celeste Barber em entrevista à Vogue Portugal: “O humor pode mesmo mudar o mundo, as pessoas precisam de se rir mais” | Vogue.pt](#)



Figura 38

Ficha técnica

Mary En Metamorphosis:

Pesquisa e Idealização, Figurinos, Maquiagem, Adereços: Enne Marx

Desenho e Execução de Makeup e Hair: Gera Sales

Fotos: Rogério Alves

Edição foto 38: Noemia Loures

Mary En Virtual Mood (Prêmio APACEPE 2022 em Destaque Dramaturgia):

Dramaturgia, Encenação, Atuação, Figurinos e Adereços, Pesquisa musical: Enne Marx

Direção: Quiercles Santana

Execução de Makeup e Hair: Gera Sales

Fotos e captação de imagens: Rogério Alves

Teasers e edição de vídeos: Daniel Machado

Streamer: Eudes Ciriano